

# VEREDAS

**Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**

**VOLUME 4**



**FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA**

**PORTO, 2001**



# Veredas

Revista de publicação anual

Volume 4 – Dezembro de 2001

**Director:**

Carlos Reis

**Director Executivo:**

Sebastião T. Pinho

**Conselho Redactorial:**

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. *Por inerência:* Amet Kébé, Ana Mafalda Leite, Ana Paula Ferreira, Benjamin Abdala Jr., Carlos Reis, Christopher Lund, Cristina Robalo Cordeiro, Ettore Finazzi-Agrò, Helder Macedo, Henry Thorau, Isabel Pires de Lima, Laura Padilha, M. Carmen Villarino, Maria Manuel Lisboa, Onésimo T. Almeida, Regina Zilberman, Sebastião T. Pinho, Solange Parvaux.

**Redacção:**

VEREDAS – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas  
Faculdade de Letras  
P-3000-447 Coimbra Codex  
Fax 351-239.410088; E-mail: stpinho@ci.uc.pt

**Edição, administração, distribuição e assinaturas:**

Fundação Eng. António de Almeida  
Rua Tenente Valadim, 231/325  
P-4100-479 Porto  
Tel. 351-22.6067418; Fax 351-22.6004314; E-mail: fundacao@feaa.pt

---

*Paginação:* José Soares Pinto – Porto

*Impressão e acabamento:* SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

*Autoria da capa:* Atelier Henrique Cayatte – Lisboa

Depósito Legal N.º 137737/99

ISSN 0874-5102

Revista integralmente patrocinada pela



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

---

AS ACTIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS  
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES



## ÍNDICE

ALICE MARIA TEIXEIRA DE SABÓIA, ET ALII – Ortografia portuguesa, estrangeirismos e globalização .....	7
ÂNGELA MARIA DIAS – Topografias poéticas da pós-modernidade no Brasil .....	21
BARBARA HLIBOWICKA-WĘGLARZ – Algumas observações sobre o emprego do Futuro do Indicativo em polaco e em português.....	45
CARLOS VELOSO – Impressões sobre (e a partir de) Eduardo Lourenço..	71
FLAVIA MARIA CORRADIN – No cair do pano camiliano, ficam-lhe as máscaras.....	81
FRANCISCO MACIEL SILVEIRA – O conto machadiano ou “a realidade é boa, o Realismo é que não presta.” .....	95
HENRY THORAU – Da Arcádia às Masmorras – o Teatro de Arena conta Tiradentes .....	105
IDELETTE MUZART FONSECA DOS SANTOS – <i>La Pierre du Royaume, version pour Européens et Brésiliens de bon sens</i> : a dupla tradução do romance de Ariano Suassuna.....	117
INOCÊNCIA MATA – Pepetela e as (novas) margens da “nação” angolana.	133
IZABEL MARGATO – Lisboa em outro tempo de escrita .....	147

JORGE FERNANDES DA SILVEIRA – “Neste momento a minha mão não tem autor”. Introdução ao primeiro volume de uma imaginária antologia brasileira da poesia portuguesa no século XX: 1920-1970.	157
JUAN M. CARRASCO GONZÁLEZ – <i>A Oração da Emparedada</i> da Biblioteca de Barcarrota.....	173
LAURA CAVALCANTE PADILHA – Nas dobras dos panos – feminino e textualidade em duas narrativas fundacionais angolanas.....	183
M. CARMEN VILLARINO PARDO – 40 anos de uma estreia: a entrada de Nélida Piñon no campo literário brasileiro com <i>Guia-Mapa de Gabriel Arcanjo</i> (1961).....	195
MAGDELAINE RIBEIRO – A produção do signo na escritura de João Cabral de Melo Neto.....	233
MALCOLM K. MCNEE – Alegorizando as Periferias: Pontos de Articulação entre a Crítica Cultural de Frederic Jameson e Roberto Schwarz.....	245
MARIA ISABEL VALE FERREIRA – CD ROM em PLE.....	265
MARIA OTÍLIA PEREIRA LAGE – Nas memórias do Volfrâmio – um sociolecto luso-galaico.....	275
MARINA KOSSÁRIK – Questões de fala nas obras linguísticas portuguesas dos séculos XVI e XVII.....	295
MAURIZIO PERUGI – “Um branco som de espuma”: Pré-história de duas Odes de Ricardo Reis (Livro primeiro, III e VI).....	321
ROLF NAGEL – Anúncios, língua e vergonha. Observações sobre o periodismo em Portugal e no Brasil.....	345
ROSELI SANTAELLA STELLA – Documentos para a história de Portugal encontrados no Brasil e na Espanha (séc. XV-XVI).....	349

## Alegorizando as Periferias: Pontos de Articulação entre a Crítica Cultural de Fredric Jameson e Roberto Schwarz

**MALCOLM K. MCNEE**

*EUA, Universidade de Minnesota*

The profound hypocrisy and inherent barbarism of bourgeois civilization lies unveiled before our eyes, turning from its home, where it assumes respectable forms, to the colonies, where it goes naked.

KARL MARX, "On Imperialism in India"

Numa aula recente, dedicada à discussão de Dom Casmurro de Machado de Assis, uma estudante fez uma observação interessante, carregada com algumas das questões mais perduráveis para escritores e críticos brasileiros, latino-americanos, e até "terceiro-mundistas" ou "pós-colonialistas," se aceitarmos de momento tais categorias contestadas. A estudante, com um genuíno entusiasmo de louvor, disse que ao ler a obra de Machado sentia-se como se estivesse lendo um romance "europeu," que o livro tinha uma certa qualidade ou aura de europeidade que faltava aos outros textos que tínhamos lido. Ressaltando a hierarquia qualitativa invertível que a observação dela parecia sugerir, vale a pena mencionar que Machado de Assis, durante

a sua vida, foi acusado de não ser brasileiro autêntico. Como Roberto Schwarz observa, Sílvio Romero, numa crítica escrita em 1897 contra Machado de Assis, classifica a arte do escritor como “anglomania inepta, servil, inadequada etc.” (1989, 39).

De tal modo, uma das questões contidas na caracterização positiva da estudante e a negativa de Romero tem a ver com a dicotomia nacional/cosmopolita ou local/universal. Posicionar os elementos discursivos de um escritor ao longo de um espectro que corre do local até o universal tem sido uma estratégia de avaliação crítica e historiografia literária perdurável mas também problemática, talvez ainda mais para as literaturas “periféricas”, visto que a universalidade implica uma certa fidelidade à tradição formal e filosófica ocidental ou européia. Também implica a possibilidade de questionar a originalidade do texto periférico, de medir os níveis da dependência inescapável dos modelos ou antecedentes europeus, a fonte de uma longa conversa crítica no Brasil e na América Latina em geral.

Outra dimensão da observação da estudante tem a ver com a sua recepção do texto e a subsequente construção do seu sentido. Paradoxalmente, para aquela leitora, saber das origens do romance num país periférico fez com que ela o classificasse como europeu (leia-se: universal ou cosmopolita?). Pois, a questão que fica ressaltada é como este saber afetou conscientemente e subconscientemente a sua leitura e a sua participação na construção dos sentidos imanentes e alegóricos do texto.

Tomando a observação da estudante sobre Machado de Assis e as questões nela implícitas como ponto de partida, minha proposta para este trabalho é uma análise de dois críticos que oferecem estratégias dialéticas para reformular ou matizar as dicotomias local/universal, originalidade/dependência e colonialismo/pós-colonialismo. Focalizo especificamente nas suas construções teóricas de um papel da periferia, ou uma posição material e epistemológica do chamado Terceiro Mundo, que poderia informar a leitura de textos individuais e a formação e reforma de cânones de literatura local e mundial.

Começo com uma leitura da obra de Fredric Jameson, especificamente do papel do Terceiro Mundo na sua crítica do pós-modernismo como expressão cultural da mundialização capitalista entrando numa nova época de consolidação. Como observa Santiago Colás, no argumento de Jameson, o Terceiro Mundo, como espaço material, men-



tal e discursivo, tem uma dupla função: (1) a sua conquista, transformação, e eventual eliminação pelas forças de desenvolvimento capitalista representariam a consolidação do “capitalismo tardio” como sistema mundial hegemônico; (2) não obstante, também este seria o espaço que poderia oferecer as maiores possibilidades de resistência e oposição àquela consolidação. O espaço supostamente mais heterogêneo do Terceiro Mundo, em termos estruturais e ideológicos, torna possível pensar o presente historicamente, uma capacidade relativamente limitada para o sujeito de um Primeiro Mundo relativamente homogeneizado. Seguindo esta lógica, Jameson confere à literatura do Terceiro Mundo este papel contra-hegemônico, em oposição ao romance burguês, individualista, psicológico, e primeiro-mundista, declarando que:

Os textos do Terceiro Mundo necessariamente projetam uma dimensão política na forma de alegoria nacional: isto é, a história do destino individual e privado é sempre uma alegoria da situação de luta da cultura e sociedade públicas do Terceiro Mundo (1986, 69; minha tradução).

Sigo esta leitura seletiva de Jameson com uma discussão do crítico, Roberto Schwarz. Focalizo não só na sua extensa obra sobre Machado de Assis, mas também nos ensaios que enfatizam indivíduos, gerações intelectuais ou movimentos na história cultural brasileira que abertamente tentaram resolver ou ultrapassar as problemáticas indicadas pelas dicotomias já mencionadas. Nos ensaios sobre Machado de Assis, Schwarz privilegia uma leitura alegórica, mas também historicizada, onde há uma contradição ou, pelo menos, uma tensão evidente que merece mais atenção. Segundo a leitura de Schwarz, os melhores romances de Machado não só expõem cuidadosamente a dinâmica social do Segundo Império brasileiro e a difícil transição à Primeira República, mas também apresentam uma reflexão ainda relevante sobre a situação ideológica do Brasil como país periférico e dependente, e desta forma deixam uma lição alegórica sobre a essência ou marca supostamente inevitável da nação devida à posição do país numa ordem mundial capitalista.

Por último, demonstro que o ponto mais saliente que Jameson e Schwarz compartilham, e que parece sublinhar especificamente a construção teórica de um papel para as literaturas periféricas, é um privilegiar epistemológico da consciência subalterna. Os dois reafirmam

a dialética hegeliana do patrão/escravo que atribui, nas várias rearticulações ao longo de toda a tradição marxista, ao marginal, periférico, subalterno, etc. uma consciência situacional superior à hegemônica para revelar sistemas de poder ou totalidades sociais. Por isso Schwarz e Jameson compartilham algumas das dificuldades ou fraquezas teóricas e metodológicas com o projeto de estudos subalternos em geral: isto é, ter que encontrar e representar a consciência diferencial, a negatividade do sujeito subalterno – isto é, uma “singularidade cultural” – e, ao mesmo tempo, evitar uma simples e simplificante política de identidades. Fazer isso ao nível da dicotomia Primeiro/Terceiro Mundo ou Centro/Periferia no contexto da mundialização atual é, epistemologicamente, difícil, mas também necessário, pedagogicamente, para ressaltar dissimetrias de poder a estos níveis geo-políticos e culturais. Em fim, suas tentativas ou estratégias de representar singularidade cultural subalterna envolvem a formação e promoção de cânones literários ou culturais que teriam um fim pedagógico de expor criticamente a singularidade hegemônica do sistema mundial capitalista. A fraqueza teórica talvez inevitável que fica é a vulnerabilidade à fácil desconstrução teórica de qualquer dessas singularidades culturais, seja Centro, Periferia, Primeiro Mundo ou Terceiro Mundo. Alberto Moreiras identifica esta dificuldade: “A situação fundacional do subalternismo é a vacilação constitutiva entre afirmação de singularidade cultural e seu abandono como ilusão ideológica” (879; minha tradução).

\* \* \*

Embora Jameson declare que talvez seria “orientalista” de sua parte tentar formular uma teoria geral para a grande pluralidade que representa a literatura do Terceiro Mundo, no ensaio publicado em 1986, “Third-World Literature in the Era of Multinational Capitalism,” ele oferece umas perspectivas “provisórias” e uma estratégia de leitura para abranger esta pluralidade. É uma proposta teoricamente muito perigosa, devido à multiplicidade de culturas e histórias que permite uma fácil crítica da sua categoria de Terceiro Mundo. O contraponto desta essencialização dos objetos do seu estudo é a identificação de um grupo específico de leitores para o qual sua estratégia de ler a literatura “terceiro-mundista” seja necessária. Jameson diz

querer comunicar aos leitores “primeiro-mundistas” (e menciona especificamente os norte-americanos) um sentido de interesse e valor de literaturas marginais com o intento de abrir mais espaço para elas nos cânones das instituições e currículos acadêmicos primeiro-mundistas. Seus leitores, portanto, são “pessoas formadas pelos valores e estereótipos de uma cultura primeiro-mundista.” Ele, a continuar, descreve a necessidade de uma aproximação destes leitores às culturas, ou, para começar, às tradições literárias do Terceiro Mundo:

[N]enhuma destas culturas pode ser concebida como independente ou autônoma antropológicamente, senão, são todas, de várias e distintas maneiras, empenhadas numa luta de vida ou morte com o imperialismo cultural primeiro-mundista — uma luta cultural que é, em si, uma reflexão da situação econômica de tais áreas na sua penetração por várias etapas de capital, ou como é chamado eufemisticamente, modernização. Isto, então, é um primeiro sentido de como um estudo da cultura terceiro-mundista necessariamente implica uma vista nova de nós mesmos, desde fora (1986, 68; minha tradução).

O que parece essencial na posição de Jameson com respeito à suposta capacidade de literatura periférica para desmistificar o capitalismo global é a relação entre forma e conteúdo. Segundo seu argumento, em geral os romances do Terceiro Mundo têm um “defeito” qualitativo que reflete as condições materiais e epistemológicas da sua produção: uma mistura desafinada do pessoal e do político que não oferece ao leitor “típico” do Primeiro Mundo a mesma satisfação de um Dostoyevsky, Proust, ou Joyce.

Aqui, Jameson parece reafirmar a posição de Georg Lukács sobre a forma romanesca e a ponte entre o particular e o geral que é um elemento essencial da relação entre o romance e um conjunto de problemáticas e ideologias burguesas. Seguindo a proposta de Hegel, Lukács insiste no fato de que a forma funciona numa relação dialética com o conteúdo ideológico. E o romance, como forma cultural, é a “épica burguesa”, refletindo inicialmente a autoconfiança na consolidação de hegemonia burguesa, mas também, eventualmente, a alienação e o desabrigo do sujeito numa sociedade moderna, uma sociedade desprovida de uma totalidade de sentido. O romance é a manifestação cultural de uma saudade do absoluto desaparecido. Lukács descreve a estratégia discursiva do romance como tipicamente

irônica, é “o épico de um mundo abandonado por Deus” (Eagleton, 27; minha tradução).

Os grandes romances são, portanto, aqueles que, num esforço para reconstruir uma realidade cada vez mais fragmentada ou uma inteireza humana, narram a dialética entre o pessoal e o social, o geral e o particular, o presente e os movimentos significantes ou a trajetória da história. Alguns escritores, posicionados temporalmente durante transições tumultuosas de épocas históricas, podiam perceber os seus presentes como história. Por isso, podiam construir o que Lukács privilegia como romances de realismo histórico, nos quais o sujeito é ligado à totalidade social e cada particularidade da sua vida social é informada com o poder dos movimentos significantes do processo histórico (Eagleton, 28-29).

Na sua caracterização de romances do Terceiro Mundo e sua reflexão sobre vários escritores específicos, Jameson imputa-lhes essa consciência histórica, mas também imbuída de uma dimensão situacional específica, relativa à sua posição na periferia ou limiar da expansão e consolidação de capitalismo mundial. Mas Jameson também imputa-lhes uma “deficiência” de não reproduzir fielmente a dinâmica familiar do romance burguês entre o particular e o universal, esvaziando o sujeito do seu sentido imanente e, portanto, tornando-o conscientemente alegórico:

Todos os textos literários do Terceiro Mundo são, necessariamente, alegóricos, e de uma maneira muito específica: devem ser lidos como alegorias nacionais. Uma das características determinantes da cultura capitalista, isto é, a cultura do romance realista e modernista ocidental, é uma cisão radical entre o particular e o público, entre o poético e o político, entre o que costumamos pensar como a esfera da sexualidade e a do poder político secular: em outras palavras, Freud contra Marx (69; minha tradução).

Jameson propõe que esta “deficiência”, isto é, a tendência mais abertamente alegórica, seja um antídoto para a tendência oposta na literatura que agora domina a sensibilidade dos leitores do Primeiro Mundo. Nesta tradição, o sentido político é restrito ao indivíduo, psicologizado, e explicado em termos de dinâmicas individuais ou subjetivistas de, tipicamente, ou ressentimento pessoal ou personalidade autoritária. No Primeiro Mundo, segundo a generalização bastante abrangente de Jameson, o político e até o engajamento político são

psicologizados, enquanto que, no Terceiro Mundo, o psicológico é lido primariamente em termos políticos e sociais:

Tais estruturas alegóricas, então, não são tão ausentes dos textos culturais do Primeiro Mundo, como são inconscientes, e por isso têm que ser decifradas por mecanismos interpretativos que necessariamente requerem uma completa crítica social e histórica da nossa atualidade primeiro-mundista. Meu ponto aqui é que a diferença das alegorias inconscientes de nossos textos culturais, as alegorias nacionais do Terceiro Mundo são conscientes e evidentes: inferem uma relação objetiva e radicalmente diferente entre a política e dinâmicas libidinais (79-80; minha tradução).

A raiz desta diferença da dinâmica de sentido na literatura do Terceiro Mundo é sua subalternidade material e discursiva e a consciência situacional que esta subalternidade carrega. Segundo Jameson, subalternidade é a noção que abrange os sentimentos de inferioridade mental e criativa, os hábitos de subserviência e obediência que resultam de situações de dominação explícita e/ou implícita. Longe de ser uma deficiência, a subalternidade e a sua tendência alegórica nas suas manifestações romancistas do Terceiro Mundo é uma força de privilegiar epistemológico segundo Jameson. Só o subalterno tem a possibilidade de alcançar uma consciência verdadeira da sua situação, da totalidade das forças materiais e dos sistemas de poder. Entretanto, o hegemônico é condenado ao idealismo, ao luxo de uma liberdade que torna impossível qualquer consciência da sua própria situação. É esta a situação que marca a consciência cultural do primeiro mundo e que poderia ser desafiado através de maior espaço para literaturas periféricas nos cânones acadêmicos. Aqui se identifica seu fim pedagógico para a entrada dos romances do Terceiro Mundo nos cursos do Primeiro Mundo:

A visão de cima é epistemologicamente debilitante e reduz seus sujeitos às ilusões de uma multidão de subjetividades fragmentadas sem passados nem futuros coletivos, sem qualquer possibilidade de perceber a totalidade social. Esta individualidade sem lugar, este idealismo estrutural oferece uma fuga do "pesadelo da história," mas ao mesmo tempo condena nossa cultura ao psicologismo e às projeções de subjetividade privada. Todo isto é negado à cultura do Terceiro Mundo, que tem que ser situacional e materialista. E é isto que explica a natureza alegórica da cultura do Terceiro Mundo, onde a narração da história individual, finalmente, não pode senão envolver a narração abrangente da experiência da própria coletividade (85-86; minha tradução).

Antes de continuar com a discussão sobre o privilegiar epistemológico do subalterno que parece ocupar um espaço importante na base teórica da crítica cultural de Roberto Schwarz, é preciso questionar as categorias de diferença e de coletividade que parecem ser importantes na construção de Jameson de um papel “universal” (ou no “centro”) para literaturas terceiro-mundistas. Nas categorias, através das quais a dialética hegeliana é interpretada, encontramos algumas diferenças importantes entre Jameson e Schwarz.

Em um artigo que responde diretamente à proposta teórica de Jameson, Aijaz Ahmad questiona a oposição binária que Jameson mantém entre o Primeiro Mundo e o Terceiro Mundo. A categoria do Terceiro Mundo situa-se na negação de diferença entre os múltiplos países e povos que experimentaram, e experimentam, distintas relações com as nações definidas por seu *status* de ex-poder colonial e centro do capitalismo avançado. Além disso, os países do chamado Terceiro Mundo tem distintas relações com o dominante mecanismo cultural identificado por Jameson e Ahmad: o capitalismo globalizante. Finalmente, a divisão teórica entre o Primeiro e o Terceiro Mundo nega subjetividade a este último: “[O] Terceiro Mundo é definido puramente em termos de uma ‘experiência’ de fenômenos externamente inseridos” (Ahmad, 6; minha tradução). O Primeiro Mundo é definido em termos de produção, de capitalismo, enquanto o Terceiro Mundo é definido só como objeto de forças históricas dirigidas externamente, o imperialismo e o neoimperialismo.

Walter Mignolo também questiona esta dicotomia mas reconhece que há validade na tentativa de Jameson de reformular o cânone literário com maior espaço para textos que poderiam desafiar nossa sensibilidade não histórica e individualista. O que falta na posição de Jameson é a noção de coexistência e diálogo necessário entre vários cânones e uma reflexão precisa sobre para quem o cânone é construído. Além de reconhecer vários cânones para uma heterogeneidade de coletividades, Mignolo faz uma distinção entre dois tipos de cânones: o “vocacional” e o “epistémico. Se aceitarmos a diferenciação entre o ensino de literatura ao nível vocacional e os estudos da disciplina ao nível epistémico, podemos entender o que de outro modo pareceriam noções essencialistas, discriminatórias, ou imperialistas por parte de Jameson, incluindo a dicotomia Primeiro/Terceiro Mundo:

Enquanto o ponto de vista vocacional permite a integração de leituras não-ocidentais ou terceiro-mundistas no currículo inglês, a perspectiva epistêmica nos alerta ao fato de que o que faz sentido do ponto de vista do currículo inglês e das necessidades de uma certa comunidade não necessariamente faz sentido para a comunidade do qual os textos foram obtidos emprestados (16-17; minha tradução).

Ahmad também problematiza a ênfase que Jameson dá à categoria da nação como sujeito histórico ou objeto de análise teórica. Mesmo se aceitarmos a possibilidade de uma forte tendência de alegoria nas literaturas identificadas por Jameson, Ahmad defende a existência de outras coletividades indicadas por estas alegorias: classe, gênero, comunidade religiosa, sindicato, partido político, aldeia, região, etc. Ahmad questiona se a designação de “alegoria nacional” não reforça uma ideologia da nação que já historicamente há excluído ou suprimido uma multiplicidade de identidades coletivas (15).

Tomando esta última crítica em conta, parece que Jameson poderia haver evitado umas das limitações do seu argumento só com uma modificação de terminologia que refletiria mais uma flexibilidade no nível de sentido alegórico supostamente construído pelos textos em consideração; talvez substituindo “alegoria nacional” por “alegoria coletiva”, por exemplo. Mas, a categoria do Terceiro Mundo parece ser mais fundamental para o projeto mais amplo de Jameson: a crítica do capitalismo tardio e sua lógica cultural, o pós-modernismo, como Santiago Colás indica. A coexistência de vários modos de produção, a experiência existencial de múltiplos mundos e etapas históricas alternativas no Terceiro Mundo, em contraste com o Primeiro Mundo, mantêm um sentido do passado, uma historicidade. Apesar da penetração de capital multinacional, o espaço utópico do Terceiro Mundo ainda oferece várias formas de cultura oposicional à hegemonia neoliberal, formas vistas como “extraterritorial and Archimedian footholds for critical effectivity” que são relativamente escassas no Primeiro Mundo (264). Sendo assim, uma estratégia que Colás oferece para nuançar e aproveitar das idéias e preocupações de Jameson é:

confrontar seu conceito de totalidade mundial com os detalhes das várias formas de política cultural, aos quais ele talvez não preste atenção, mas cuja existência e várias características específicas ele não exclui. Desta maneira, certas categorias mundiais operando dentro do paradigma de Jameson [...]

podem ser provisoriamente re-escritas, com maior flexibilidade para nos ajudar a compreender e articular as formas heterogêneas de resistência cultural [...] do mundo atual (268; minha tradução).

Jameson, em textos mais recentes, parece ter re-elaborado suas categorias, demonstrando a flexibilidade relativa delas na sua crítica geral da mundialização capitalista. No entanto, ele mantém a meta-dialética hegemônico/subalterno, substituindo em um caso a dicotomia Primeiro/Terceiro Mundo por Os Estados Unidos/O Resto do Mundo<sup>1</sup> e escreve mais especificamente da cegueira norte-americana exemplificada por “nossa tendência de confundir o universal e o cultural” (1998, 58; minha tradução).

\* \* \*

Para uma discussão de textos e dinâmicas culturais que supostamente demonstrariam ou manifestariam uma consciência situacional – isto é, a subalternidade que Jameson privilegia – voltemos nossa atenção ao contexto brasileiro e à obra do crítico Roberto Schwarz. Especialista da crítica literária sociológica estabelecida no Brasil por Antônio Candido<sup>2</sup>, Schwarz desafiou a tradição interpretativa sobre uma das figuras chaves da literatura brasileira (e, na opinião de muitos, mundial), Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908). O interesse de Schwarz não se limita ao século dezenove nem a textos isolados. As leituras críticas de Schwarz abrangem vários movimentos e

---

<sup>1</sup> No ensaio “Notes on Globalization as a Philosophical Issue,” Jameson escreve: “Há uma dissimetria fundamental entre os Estados Unidos e todos os outros países no mundo, não só países do Terceiro Mundo, mas até Japão e os países da Europa Ocidental” (58; minha tradução).

<sup>2</sup> Veja, por exemplo, o ensaio “Literatura e Subdesenvolvimento”, no qual Candido reflete sobre a formação da tradição literária brasileira em termos das dialéticas universal/regional e desenvolvimento/subdesenvolvimento. Especialmente interessantes neste trabalho são as noções da “consciência do país novo” e da “consciência de subdesenvolvimento” que parecem ligadas conceitualmente à consciência situacional ou subalterna que Jameson descreve. Candido escreve : «As áreas de subdesenvolvimento e os problemas do subdesenvolvimento (ou atraso) invadem o campo da consciência e da sensibilidade do escritor, propondo sugestões, erigindo-se em assunto que é impossível evitar, tornando-se estímulos positivos ou negativos da criação (158)». E tornando alegórica a dinâmica do sentido, acrescentaria talvez Jameson.



dinâmicas político-culturais que marcam o século vinte brasileiro, incluindo: o modernismo, o regionalismo, o populismo nacional, o cinema novo, a poesia concreta, e a tropicália. O que define a sua aproximação a alguns dos impasses consistentes e sucessos duradouros que estes períodos geraram é o movimento constante entre uma cuidadosa atenção à obra para uma análise crítica e, quase sempre polêmica, dos mecanismos de poder do espaço social e vice-versa.

Numa coletânea extensa de ensaios sobre Machado de Assis<sup>3</sup>, Schwarz oferece uma leitura menos psicologizada e mais historicizada e, num sentido limitado do adjetivo, alegórica, iluminando a dinâmica distinta entre: (1) idéias ou formas liberais rearticuladas pela elite brasileira, (2) a autoridade intelectualizada e estrutural dessa elite e (3) a realidade sócio-econômica do país “atrasado” ou periférico. Segundo John Gledson, cuja leitura de *Dom Casmurro* dialoga com a de Schwarz:

O método de comunicar verdade política pode ser descrito facilmente como alegórico porque requer que o leitor veja paralelos entre o espaço privado do romance (cuja ação é limitada a duas ou três famílias) e a história pública do Segundo Reinado (9; minha tradução).

Esta proposta de Schwarz de uma leitura historicizada, mas também alegórica, da construção de sentido pela ficção machadiana é mais sucintamente elaborada no ensaio “Idéias fora do lugar.” O conflito ou as contradições ideológicas que, segundo este ensaio, são ressaltados claramente na obra de Machado de Assis têm a ver com as diversas dinâmicas entre trabalho e capital no Brasil e na Europa no século dezenove. A dinâmica brasileira, enraizada na escravidão, contrasta com o liberalismo operário europeu no seu sentido ideal. O resultado deste conflito no Brasil é o que Schwarz designa “a comédia ideológica:” uma tensão entre “vivência,” a vida diária na sociedade escravista, e “experiência,” a vida intelectual, formada principalmente por idéias liberais ou modelos culturais supostamente

---

<sup>3</sup> Veja, por exemplo, os livros, *Ao vencedor as batatas*, *Um mestre na periferia do capitalismo*, *Dois meninas*, e os ensaios, “A velha pobre e o retratista” da coleção, *Os pobres na literatura brasileira*, “Complexo, moderno, nacional, e negativo”, “Pressupostos, salvo engano, da ‘Dialética da malandragem’”, e “Dois notas sobre Machado de Assis” da coleção, *Que horas são?*

universais de origem européia. E a dinâmica social que marcava esta comédia ideológica brasileira era “o favor”.

Enquanto a dinâmica que dominava as relações entre os latifundiários e os escravos era a autoridade fisicamente repressiva, o que mais marcava diretamente a vida intelectual e ideológica da sociedade, pelo menos pelo que é evidente na produção de alta cultura, eram as relações entre os latifundiários e a classe de homens livres ou “agregados,” que compunham o que durante a vida do próprio Machado seria uma emergente classe média. A mediação social, a do favor, entre estas duas classes seria a maneira brasileira de conviver com a tensão entre a experiência liberal e a vivência escravista. O favor mantinha uma relação de dependência entre ele ou ela que tinha poder e um indivíduo socialmente inferior, tendo como fachada um discurso de igualdade, mobilidade social, raciocínio e mérito. O sistema de favor era marcado ideologicamente pelo uso da retórica liberal para esconder relações autoritárias, decisões irracionais, arbitrárias ou de capricho, e para justificar e manter uma hierarquia sócio-econômica:

[N]o campo dos argumentos adotávamos sofregamente os que a burguesia européia tinha elaborado contra arbítrio e escravidão; enquanto na prática, geralmente dos próprios debatedores, sustentado pelo latifúndio, o favor reafirmava sem descanso os sentimentos e as noções em que implica. Além dos naturais debates, este antagonismo produziu, portanto, uma coexistência estabilizada – que interessa estudar. Aí a novidade: adotadas as idéias e razões européias, elas podiam servir e muitas vezes serviram de justificação, nominalmente “objetiva”, para um momento de arbítrio que é da natureza do favor (17).

É esta dinâmica social, o favor<sup>4</sup>, que Machado de Assis expõe e critica através das seus personagens; personagens bastante desenvol-

---

<sup>4</sup> Vale mencionar que a dinâmica do favor que Schwarz lê e analisa na obra de Machado não é específica àquela época. Um legado importante das condições sócio-econômicas e culturais descritas por Schwarz, o favor persiste em várias manifestações na sociedade atual brasileira. Por exemplo o antropólogo/sociólogo Roberto DaMatta descreve o favor em termos do “jeitinho” brasileira e a famosa expressão “Você sabe com quem está falando?” que opera “as a ritual of inversion that transforms an egalitarian, individualistic situation into a hierarchical, personalistic one” (Hess and DaMatta, 9).

vidos pelo autor para merecerem décadas de interpretações primariamente psicologizadas.

Mas, não é só esta exploração do espaço privado e subjetivo para iluminar as regras que ordenavam a vida pública de uma época específica que faz a obra de Machado alegórica na leitura de Schwarz. Há outra dimensão de sentido alegórico que Schwarz ressalta com a noção bastante abrangente de “idéias fora do lugar”. Machado, além de poder problematizar e subverter as hierarquias da sociedade daquela época, pode relativizar as verdades universais encaixadas nos discursos e formas literários e filosóficos da Europa. A leitura de Roberto Reis concorda com esta descrição da obra machadiana:

Machado inscreve seu trabalho sób a primacia de relativização – e nisto ele insere-se no âmago de modernidade. Problematizando verdades absolutas, o texto de Machado é notável por polifonia, por conflito entre versões, pelo relativismo de valores e sentidos (54; minha tradução).

Machado de Assis podia realizar esta relativização subversiva, segundo Schwarz, não só devido ao seu gênio individual, mas também devido à sua “consciência situacional,” a sua visão dos discursos cêntricos a partir da periferia. É neste sentido que Schwarz parece definir um papel para a literatura brasileira como periférica ou excêntrica, identificando a sua diferença, originalidade, e universalidade:

Ao longo de sua reprodução social, incansavelmente o Brasil põe e repõe idéias européias, sempre em sentido impróprio. É nesta qualidade que elas serão matéria e problema para a literatura. O escritor pode não saber disso, nem precisa, para usá-las. [D]efinimos um campo vasto e heterogêneo, mas estruturado, que é resultado histórico, e pode ser origem artística. Ao estudá-lo, vimos que difere do europeu, usando embora seu vocabulário. Portanto a própria diferença, a comparação e a distância fazem parte de sua definição. (1981, 24-25).

Mas este papel periférico não esclarece se a estratégia de leitura que Schwarz propõe é ou não alegórica no sentido muito simplificado que Jameson sustem no seu ensaio. Esta questão encontra-se ainda mais desenvolvida em um dos mais conhecidos artigos de Schwarz sobre dinâmicas culturais mais contemporâneas do Brasil: “Cultura e política, 1964-69.”

Um dos conflitos ou contradições possíveis que aparece na obra em conjunto de Schwarz é a valorização de certas qualidades alegóricas da obra machadiana e, em outro contexto, a desvalorização da alegoria como forma de pensar e representar a realidade brasileira. Sua noção de idéias fora do lugar demonstra uma dimensão alegórica enquanto parece transcender aquele espaço sócio-histórico, revelando uma relativa falta de imanência que Schwarz ressalta com sua comparação da consciência situacional de Machado com a dos grandes romancistas russos do século dezenove, também situados na periferia do liberalismo europeu. E numa entrevista Schwarz também reafirma a transcendência temporal e, porém, a alegoricidade desta tese:

Idéias estão no lugar quando representam abstrações do processo a que se referem, e é uma fatalidade de nossa dependência cultural que estejamos sempre interpretando a nossa realidade com sistemas conceituais criados noutra parte, a partir de outros processos sociais (“Cuidado com”, 120).

No entanto, ao avaliar o surgimento da Tropicália no contexto da primeira fase do governo militar no Brasil (1964-1968), Schwarz critica negativamente sua estratégia de significação alegórica. Ele descreve a técnica básica do movimento como a juxtaposição de imagens de diferentes temporalidades culturais e estruturais coexistentes no Brasil. O efeito do pastiche entre um campo de ícones da modernidade, da modernização, e do cosmopolitismo e os símbolos “anacrônicos” do “subdesenvolvimento” ou “atraso” brasileiro transforma o país numa alegoria do absurdo. Schwarz escreve:

É literalmente um disparate – é esta a primeira impressão – em cujo desacerto porém está figurado um abismo histórico real, a conjugação de etapas diferentes do desenvolvimento capitalista (“Cultura”, 1978, 74).

Jameson talvez identificaria essa mesma conjugação que a Tropicália pareceria ressaltar – esta heterogeneidade de etapas ou modos de produção capitalista na nação periférica – como a fonte da vantagem epistemológica do artista brasileiro (ou do Terceiro Mundo em geral). E sua forma mais óbvia de significação possível teria que ser alegórica, consciente ou abertamente. Enquanto Schwarz, no momento em que escreveu sua crítica da Tropicália, não via uma resolução possível a esta representação alegórica do Brasil como conjun-

ção absurda do moderno e do atrasado – isto é, a essência negativa e a-temporal sempre pronta a ressurgir no presente eterno da nação – Jameson talvez adotaria as alegorias da Tropicália como momentos efetivos de conscientização dos leitores do Primeiro Mundo, revelando as verdades da expansão capitalista na sua periferia. E, paradoxalmente, embora a leitura de Schwarz das idéias fora do lugar na ficção machadiana pareça ressaltar, ao parafrasear Benjamin, as “ruínas da história” brasileira, sempre presentes e, no seu processo lento de deterioração, sempre emitindo sentido(s) alegórico(s), Schwarz parece encaixar Machado na categoria estimada de Lukács de realismo histórico, ressaltando a capacidade de manter a conexão conceptual entre o sujeito, sua sociedade e as forças históricas de sua época.

Como explicar esta inconsistência na obra de Schwarz com respeito à (des)valorização da alegoria? À primeira vista, como Evalina Hoisel reconhece, no caso da Tropicália, Schwarz apropria-se de uma noção completamente negativa de alegoria, ressaltada na obra de Lukács: a alegoria, sem sentido imanente e sem ligação com uma especificidade histórica, é a “nadificação da história”. Hoisel escreve:

A falta de especificação do Tropicalismo se apoia, e até se justifica para Schwarz, pela utilização da alegoria. Se o discurso simbólico realiza a identidade entre forma e conteúdo, a alegoria estabelece um distanciamento entre esse níveis estruturais, configurando uma relação externa e convencional, que não dá conta dos fundamentos da história, “encerrando o passado sob forma de males sempre ativos e capazes de voltar”, sugerindo ainda que eles são o nosso destino (46).

A noção negativa de alegoria de Lukács é, por sua parte, uma leitura reducionista e simplificante do trabalho muito mais complexo e ambíguo de Benjamin sobre a alegoria do barroco e do modernismo europeus. Lukács, no seu ensaio “A Ideologia de Modernismo” escreve de Benjamin e cita-o:

Benjamin retorna, muitas vezes, a esta ligação entre a alegoria e a aniquilação da história: “à luz desta visão, a história aparece não como a realização gradual do eterno, senão como um processo de deterioração inevitável. Como ruínas no mundo físico, assim são alegorias no mundo da mente (41; minha tradução).

Eu proponho que Schwarz, através de suas críticas aparentemente contraditórias da Tropicália e da obra de Machado, mantém a complexidade e ambigüidade de Benjamin com respeito à alegoria.<sup>5</sup> Schwarz não desvaloriza a alegoria como modo de significação; reconhecendo sua inevitabilidade e que enfim é uma questão da distinção relativa entre alegorias conscientes e inconscientes; senão rejeita a lição que a alegoria dominante da Tropicália parece ensinar. Em contraste com a lição da alegoria das idéias fora do lugar – que tenta ressaltar a dependência cultural e ideológica dentro do contexto da posição periférica da nação no sistema mundial capitalista – a Tropicália volta ou reverte a uma compreensão dualística em vez de dialética do desenvolvimento assimétrico no Brasil. A Tropicália propõe um contraste absoluto e chocante, em vez de interdependência lógica, entre o “velho” e o “novo.” Estes contrastes ou justaposições celebrados como as fontes de originalidade brasileira, alegorizam a nação como um absurdo, segundo Schwarz – isto é, como “um país congenitamente dúplice,” em vez de um resultado da contínua expansão capitalista na sua periferia do sistema mundial. Paulo Eduardo Arantes descreve esta dimensão da crítica de Schwarz da Tropicália:

O que a ciência social desautorizava, a experiência estética [da Tropicália] voltava a sancionar. O antigo e o novo continuavam em presença um do outro – era o que parecia mostrar a experiência social de todos os dias, sobretudo quando filtrada pela forma estética –, variava apenas o plano da sua conjunção. Éramos de fato o produto do movimento internacional do capital, mas embora este se desenrole em escala mundial, vai compondo elementos que são diferentes e assimétricos; distinguimo-nos assim do padrão geral na medida em que a primitiva exploração colonial está na base da articulação entre sociedades dependentes e dominantes. Mas a que se resumia a singularidade do país – posta a nu pela situação de dependência – senão a essa

---

<sup>5</sup> A noção de alegoria de Benjamin ressalta uma transferência básica do sentido desde a imanência das personagens e suas ações até uma maior totalidade social, ultimamente transcendendo a “organicidade” da obra literária. Benjamin desenvolveu sua teoria de alegoria através de um análise do barroco alemão e a arte vanguardista do século vinte e sua preferência pela fragmentação e *pastiche*. Segundo a perspectiva de Benjamin, alegoria tira elementos dos seus “orgânicos” contextos originais e junta os fragmentos isolados para criar sentido. Peter Bürger cita Benjamin: “Alegoria, cuja essência é o fragmento, representa história como declínio: ‘em alegoria, o observador é confrontado com história como uma primordial paisagem petrificada (69; minha tradução).”

coexistência, sistemática, descompartmentada, de herança colonial e presente capitalista? Essa a dualidade sem dualismo que escandia a nossa formação e definia os vetores básicos da experiência brasileira (37-38).

Ao criticar a natureza aparentemente afirmativa da Tropicália – ressaltando sua reversão a noções já rejeitadas pelas ciências sociais da dualidade reificada e irreconciliável do Brasil<sup>6</sup> – a noção de alegoria de Schwarz, porém, é mais complexa e criticamente seletiva do que a de Jameson. Como já observamos, Jameson aceita todas as alegorias “conscientes” do Terceiro Mundo como igualmente elucidantes, pelo menos para o leitor “típico” do Primeiro Mundo a quem Jameson dirige seu argumento. Outra diferença importante entre os dois críticos é que na obra de Schwarz a categoria da nação, e sua expressão cultural-política, o nacionalismo, são fortemente criticadas, devido aos seus efeitos de distorcer movimentos ou processos revolucionários no Brasil e esconder conflitos e contradições de classe dentro da nação. O Brasil, segundo Schwarz, já viveu a experiência do nacionalismo cultural e o anti-imperialismo nacional trans-classista. Este último, como estratégia oposicional, é responsável em parte pela abertura democrática, intelectual e cultural do fim dos cinquenta e início dos sessenta, mas também é responsável pela falta de organização e resistência efetiva contra o golpe militar de 1964, que podia disfarçar seus interesses classistas e dependência do capital multinacional sob uma retórica nacionalista. De qualquer modo, apesar destas diferenças conceituais, se pode observar que os dois críticos por fim compartilham e avançam um interesse profundo na formação de cânones com o propósito pedagógico de ressaltar as dinâmicas da expansão capitalista, em todas suas fronteiras ou periferias no caso de Jameson, e especificamente no Brasil no caso de Schwarz.

---

<sup>6</sup> Os contrapontos culturais do Tropicalismo, identificados e estimados por Schwarz são a arte engajada dos Centros Populares de Cultura, o Cinema Novo, o teatro brechtiano do Teatro de Arena e o Teatro Oficina, e as campanhas de alfabetização e pedagogia radical inspiradas pela obra de Paulo Freire. Estes movimentos, também tematizando os confrontos entre o novo e o velho, entre o desenvolvimento e subdesenvolvimento, entre o moderno e o tradicional, ofereciam, segundo a avaliação de Schwarz, uma resolução à dualidade da sociedade brasileira: isto é, a conscientização do papel da agência humana em reproduzir ou radicalmente transformar esta dualidade social.

\* \* \*

Como conclusão breve, gostaria de voltar à leitura de Dom Casmurro da estudante – em si mesma uma mini-alegoria de eurocentrismo – que provocou meu interesse em ler paralelamente a obra de Jameson e Schwarz. O paradoxo desta leitura particular num curso no Primeiro Mundo de uma obra exemplar ou, talvez, excepcional do Terceiro Mundo pode ser narrado da seguinte forma: se ela realmente tivesse sentido como se estivesse lendo um romance europeu (ou do Primeiro Mundo), não teria sentido conscientemente como se estivesse lendo um romance europeu. Esta influência ou confluência de cânone, sala de aula, e suas posições relativas – em termos de um sistema capitalista mundializado – é ressaltado e problematizado na crítica de Jameson e Schwarz.

Neste sentido, acho que a distinção que Walter Mignolo propõe entre a formação e reforma de cânones epistêmicos e cânones pedagógicos para o ensino e estudo da literatura comparada é útil para ajudar-nos a ler além do orientalismo evidente nas classificações de Jameson da literatura do chamado Terceiro Mundo, e além de um certo determinismo prescritivo evidente na crítica de Schwarz da Tropicália, para chegar a uma compreensão dos motivos por suas essencializações estratégicas. Apesar da vulnerabilidade epistemológica da sua crítica sociológica e seu privilegiar da singularidade cultural do subalterno – metodologicamente dependente de dicotomias facilmente desconstruídas – num sentido pedagógico Jameson e Schwarz efetivamente ressaltam as dissimetrias persistentes de poder discursivo e estrutural da mundialização contemporânea.

## Bibliografia

- AHMAD, Aijaz, "Jameson's Rhetoric of Otherness and the 'National Allegory'", *Social Text* 17 (Fall 1987).
- ARANTES, Paulo Eduardo, *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: Dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.



- BENJAMIN, Walter, *The Origins of German Tragic Drama*, London, NLB, 1977.
- BÜRGER, Peter, *Theory of the Avant-Garde*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1984.
- CANDIDO, Antonio, *A educação pela noite e outros ensaios*, São Paulo, Editora Ática, 1987.
- COLÁS, Santiago, "The Third World in Jameson's Postmodernism or the Cultural Logic of Late Capitalism", *Social Text* 10 (1992).
- DAMATTA, Roberto A. and HESS, David J., eds, *The Brazilian Puzzle: Culture on the Borderlands of the Western World*, New York, Columbia University Press, 1995.
- EAGLETON, Terry, *Marxism and Literary Criticism*, Berkeley, University of California Press, 1976.
- GLEDSON, John, *The Deceptive Realism of Machado de Assis: A Dissenting Interpretation of Dom Casmurro*, Liverpool, Francis Cairns, 1984.
- HOISEL, Evelina, "Tropicalismo: Algumas reflexões teóricas", *Brasil/Brazil* 12 (1994).
- JAMESON, Fredric, "De la sustitución de importaciones literarias y culturales en el Tercer Mundo: el caso del testimonio", *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, 18:36 (1992).
- , "Notes on Globalization as a Philosophical Issue," *The Cultures of Globalization*, Ed. Fredric Jameson and Misao Miyoshi, Durham, Duke University Press, 1998.
- , "Third-World Literature in the Era of Multinational Capitalism," *Social Text* 15 (Fall 1986).
- LUKÁCS, Georg, *Realism in Our Time: Literature and the Class Struggle*, New York, Harper & Row, 1964.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria, *Dom Casmurro*, São Paulo, Editora Ática, 1986.
- MIGNOLO, Walter D, "Canons A(nd) Cross-Cultural Boundaries (Or, Whose Canon Are We Talking About?)", *Poetics Today* 12:1 (Spring 1991).
- MOREIRAS, Alberto, "Elementos de articulación teórica para el Subalternismo Latino-Americano. Candido y Borges", *Revista Iberoamericana* 62 (Julio-Diciembre 1996).
- REIS, Roberto, *The Pearl Necklace: Toward an Archaeology of Brazilian Transition Discourse*, Gainesville, University of Florida Press, 1992.
- SCHWARZ, Roberto, "Cuidado com as ideologias alienígenas", *O pai de família e outros estudos*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- , "Cultura e Política, 1964-1969", *O pai de família e outros estudos*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

- , “Idéias fora do lugar”, *Ao vencedor as batatas; Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*, São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1981.
- , “Nacional por subtração”, *Que horas são? Ensaios*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.